

PATRICIA DO VALE MOORE



**A EDUCAÇÃO VISUAL DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL E SEU
REFLEXO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA PÚBLICA**

BELO HORIZONTE
2013

PATRICIA DO VALE MOORE

**A EDUCAÇÃO VISUAL DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL E SEU
REFLEXO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA PÚBLICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Daniela Maura dos Santos

BELO HORIZONTE
2013

Moore, Patricia do Vale, 1968

A educação visual do professor do ensino fundamental e seu reflexo no ensino de artes visuais na escola pública: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Patricia do Vale Moore – 2013.

49 f.

Orientadora: Daniela Maura dos Santos

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Santos, Daniela Maura.
- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.
- III. A educação visual do professor do ensino fundamental e seu reflexo no ensino de artes visuais na escola pública.

PATRICIA DO VALE MOORE

A EDUCAÇÃO VISUAL DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL E SEU
REFLEXO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA PÚBLICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Daniela Maura dos Santos – EBA/UFMG

Henrique Augusto Nunes Teixeira – EBA/UFMG

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

BELO HORIZONTE
2013

Dedico este trabalho ao meu marido e companheiro Paulo Érico Farinha Canarim, que sempre me incentivou a buscar novos caminhos e esteve ao meu lado encorajando-me a enfrentar todos os obstáculos encontrados neste percurso. Aos meus filhos, Vinicius, Mariah e Nathalia, três razões pelas quais existo e continuo a seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Ninguém atinge um objetivo individualmente, assim prossigo com a minha caminhada contando sempre com amigos, colegas, professores e quem pelo meu caminho passar. Suas experiências e vidas me acrescentam e me alimentam.

Por isso, tenho agora a oportunidade de escrever aqui minha felicidade em ser uma Arte-educadora, que defende sua especialização em Ensino de Artes Visuais, e que busca entender melhor a área das Artes e as questões que a permeiam.

Assim, agradeço aos meus professores, às tutoras do polo e à minha orientadora Daniela Maura dos Santos que dedicou seu tempo e compartilhou sua experiência fazendo com que minha formação fosse ainda mais interessante.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem não tem nada a ver com ele. Afinal a presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. (FREIRE 1996, p.54)

RESUMO

Este trabalho trata de questões relativas às concepções de arte e do Ensino de Arte presentes no Ensino Fundamental. Foram pesquisados documentos de referência para a prática didática em Artes como os PCN's e as propostas pedagógicas de duas escolas campo, também foram realizadas entrevistas com professores da disciplina de Arte e de outras áreas do ensino com o objetivo de verificar como os docentes compreendem a área de Artes Visuais e sua relevância para a formação do indivíduo. Esta pesquisa tem como principal referencial teórico a abordagem triangular feita pela educadora Ana Mae Barbosa por sua análise crítica da realidade do Ensino de Arte no Brasil discutindo as práticas acadêmicas e sua permanência no currículo do ensino básico brasileiro.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Arte Educação

ABSTRACT

This paper deals with questions concerning conceptions of art and Art Education in Elementary School. We made interviews with professors of art and other areas of teaching with the aim of checking how teachers understand the visual arts and its relevance to the formation of the individual. This research has as main theoretical framework, the educator Ana Mae Barbosa for his critical analysis of the reality of Teaching Art in Brazil discussing academic practices and their presence in the Brazilian basic education curriculum.

Keywords: Art Education, Art Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Faixa etária dos professores.....	33
Ilustração 2: Quanto ao sexo.....	33
Ilustração 3: Quanto à renda familiar.....	33
Ilustração 4: Renda mensal familiar dos professores da escola municipal.....	34
Ilustração 5: Renda mensal familiar dos professores da escola estadual.....	34
Ilustração 6: Quanto à graduação.....	34
Ilustração 7: Formação dos professores da escola municipal.....	35
Ilustração 8: Formação dos professores da escola estadual.....	35
Ilustração 9: Quanto ao interesse em saber sobre as artes visuais.....	38
Ilustração 10: Tempo de atuação em educação.....	39
Ilustração 11: Sobre interdisciplinaridade.....	40
Ilustração 12: Sobre quem buscou a parceria entre as disciplinas.....	40
Ilustração 13: Quanto ao conhecimento da inclusão da disciplina de Arte como componente curricular obrigatório na educação básica desde 1996.....	41

LISTA DE QUADROS

Formação na área de arte.....	25
Atualização profissional.....	25
Referências visuais.....	25
Processo de criação com a imagem fora da instituição.....	25
Como é feita a pesquisa de repertório visual em trabalhos pessoais.....	26
Quanto à experiência ou memória afetiva que envolva arte.....	26
Quanto à bibliografia utilizada em no planejamento de aula.....	27
De que forma são contemplados os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais nas aulas de artes.....	28
Como é feita a pesquisa de repertório visual nas práticas educativas.....	28
Sobre as práticas em arte com base no PCN de Arte.....	29
Como é feita a abordagem triangular em sala de aula.....	30
Sobre a formação escolar do professor na área de Artes Visuais.....	35
Sobre o acesso do professor à exposições, filmes, peças de teatro, espetáculos de dança e música.....	37
Sobre o conhecimento da produção de algum artista visual.....	37
Quanto à experiência ou memória afetiva envolvendo as Artes Visuais.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – Documentos de referência para prática didática em artes.....	15
1.1 – Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes e a prática didática.....	15
1.2 – A proposta pedagógica das escolas e a área de Artes Visuais.....	20
CAPÍTULO 2 – O perfil dos professores das disciplinas de Arte.....	24
CAPÍTULO 3 – O perfil dos professores que não lecionam a disciplina de Artes Visuais.....	32
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A – Questionário para professores sem formação em artes.....	45
APÊNDICE B – Questionário para professores com formação em artes.....	47

INTRODUÇÃO

Pretende-se averiguar o que os professores do ensino fundamental de uma instituição de ensino público entendem sobre a arte e sobre a contribuição da educação em Artes Visuais na escola.

Em minha formação em Licenciatura em Artes Visuais na Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais, aprendi que os Parâmetros Curriculares Nacionais, os chamados PCN's, foram elaborados para construir referências nacionais comuns ao processo educativo. Especificamente no caso do PCN de Arte, o documento foi estruturado procurando “[...] fundamentar, evidenciar e expor princípios e orientações para os professores, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, como também à compreensão da arte como manifestação humana.” (BRASIL, 1998, p. 15).

No capítulo reservado para as artes visuais, o PCN menciona que o “mundo atual caracteriza-se entre outros aspectos pelo contato com imagens, cores e luzes em quantidades inigualáveis na história” (BRASIL, 1998, p. 63) e que a escola “[...] deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências” (BRASIL, 1998, p. 63) para que possam articular, usar a imaginação e o conhecimento não só para sua própria produção artística como também para a produção do grupo. Além disso, a “educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos pelos quais os alunos transformam seus conhecimentos de arte [...]” (BRASIL, 1998, p. 63)

Durante meu curso de Artes Visuais, pude perceber o quanto o ensino de arte nas escolas é desvalorizado em relação às outras disciplinas e conduzido como um estudo de menor valor ou de menor necessidade para o desenvolvimento do educando. Vejo que muitos professores reclamam, lutam por seus direitos enquanto educadores em arte, e buscam meios de provar a importância da educação em arte na formação do indivíduo. Creio que muitas dessas dificuldades enfrentadas acontecem por falta de entendimento do adulto, sem formação nesta área, sobre o que é arte e quais as contribuições que ela pode trazer para formação básica do

indivíduo.

Adultos, pais, professores, familiares dessas crianças, em sua maioria, não tiveram educação em arte ou sequer algum tipo de contato com essa área, e, por isso, a dificuldade em entender sua importância para a educação.

Muitas vezes, reduzidos a meros decoradores de eventos escolares, percebe-se a existência de um mito que considera o professor da disciplina de Artes Visuais, aquele que leva jeito pra desenho e por isso, só é lembrado ou requerido nestes momentos. Por isso, esta pesquisa pretende investigar se essa posição político curricular realmente se estabelece e como é percebida a disciplina de Artes Visuais como campo de estudo fundamental para a formação do indivíduo, dentro da escola.

A pesquisa terá como foco o professor das disciplinas do currículo regular de escolas públicas, sem formação em artes. Em segundo plano a pesquisa abrange também a formação do professor da disciplina de Arte e suas práticas.

Tendo como base textos sobre o ensino em Artes Visuais e o estudo dos PCN's serão apontadas questões que evidenciam a fragilidade política do ensino da Arte Visual nos currículos escolares.

Esta pesquisa buscou compreender quais são as percepções dos docentes, professores de duas escolas públicas da cidade de Belo Horizonte, a respeito do ensino e do papel da arte nas escolas. Com ajuda de um questionário previamente formulado, um pequeno grupo de professores de duas escolas públicas, uma estadual e outra municipal, foi investigado, buscando entender até que ponto a falta de conhecimento em arte pode ou não influenciar na posição político curricular da disciplina de Artes nestas escolas. Desta forma, esta pesquisa tem como intuito apontar a importância de um projeto que vise a inserção dos docentes, formados em outras disciplinas, nas Artes Visuais para que eles possam, a partir daí, entender e valorizar esta disciplina como parte importante da grade curricular e do projeto pedagógico da escola, tornando-a parte de um todo através da transdisciplinaridade.

CAPÍTULO 1 – Documentos de referência para prática didática em artes

1.1 – Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes e a prática didática

Ensinar arte nas escolas públicas de Minas Gerais tem se mostrado uma tarefa árdua e pouco prestigiada. Os educadores encontram dificuldades de todo tipo, não apenas estruturais, mas também conceituais, como é de se esperar, em escolas que tem muito mais a se preocupar do que com o ensino de arte.

Trabalhar a compreensão da arte como manifestação humana no que se refere ao ensino e aprendizagem requer um grande esforço. O arte-educador precisa ir além da pesquisa, da atualização e da dedicação ao exercício de sua profissão, ele também deve procurar algum ponto de contato entre a arte e a realidade de seus alunos.

O governo federal em conjunto com os Estados e educadores de diversas partes do país redigiram, em 1998, um documento com a clara intenção de fundamentar e orientar o ensino da arte no Brasil.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, chamados PCNs, delineiam a arte considerando as dimensões da criação, apreciação e comunicação em artes visuais, dança, música e teatro.

Apesar dos PCN's instituídos em 1998 e da lei 9.394 de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional tornando obrigatório do ensino de artes nas escolas públicas com atendimento aos alunos do ensino fundamental, não é possível constatar essa realidade.

§ 2º - O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.¹

Mesmo depois de 15 anos o ensino de arte no Brasil ainda não faz parte da rotina escolar de muitos dos alunos de 06 a 14 anos.

1 BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996

Segundo o PCN de Arte “a atual legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte” (BRASIL, 1998, p. 19) e a inclui como componente obrigatório da educação básica. Ainda segundo este documento “as oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão” (BRASIL, 1998, p. 19).

Porém, a realidade é que a arte, enquanto área de conhecimento, está renegada em segundo plano ou até mesmo deixada de lado na maioria das escolas públicas.

Segundo o PCN de Arte as realidades do ensino de arte nas escolas:

[...] apresentam níveis de qualidade tão diversificados no Brasil que em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, empobrecendo o universo cultural do aluno. Em outras, ainda se trabalha apenas com a auto-expressão, sem introduzir outros saberes de arte. A polivalência ainda se mantém em muitas regiões. Por outro lado, já existem professores preocupados em também ensinar história da arte e levar alunos a museus [...].²

Outro problema enfrentado é a falta de professores qualificados para o ensino da disciplina de Artes Visuais nas escolas. Na prática, professores de outras disciplinas como Educação Física, licenciados em Pedagogia ou Escola Normal, vêm trabalhando com arte nas escolas. Além disso, muitos dos professores formados na área de artes, não atendem às especificações citadas nos PCN's.

Ainda segundo o documento é necessário que:

[...] os professores que se dispuserem a ensinar arte tenham um mínimo de experiências prático-teóricas interpretando, criando e apreciando arte, assim como exercitem a reflexão pedagógica específica para o ensino das linguagens artísticas. E para isso é necessário haver cursos de especialização, cursos de formação contínua, nos quais possam refletir e desenvolver trabalhos com a arte.³

A escola tem papel de estabelecer vínculos entre os conhecimentos de arte e a aplicação dos mesmos na sociedade. Estes vínculos podem ser desenvolvidos ao

2 Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília : MEC/SEF, 1997, p.29

3 Idem, p.30

longo da aprendizagem de arte durante os ciclos do ensino fundamental nos quais o conhecimento artístico é abordado como produção, fruição e articulação de sentidos, tudo isso buscando interseções com o contexto, o imaginário, enfim a realidade do aluno.

Assim, é papel da escola estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso um ensino e aprendizagem de arte que se processe criadoramente poderá contribuir para que conhecer seja também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar muito, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. Porque o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza.⁴

Toda preparação do conteúdo deve ser pautada no PCN, no projeto político-pedagógico da instituição onde a aula será dada e também nos referenciais teóricos Estaduais e Municipais vigentes. Além disso, é necessário que o professor obtenha informações como o conhecimento prévio dos alunos, quais os tipos de manifestações culturais da região onde a escola está inserida, sobre a estrutura física oferecida para o ensino de artes, entre outros dados.

Nas orientações didáticas para Arte, o PCN aponta que as atividades e intervenções educativas devem ser direcionadas de modo que os alunos possam produzir, compreender e analisar os próprios trabalhos e apreender noções e habilidades para apreciação estética e análise crítica do patrimônio cultural artístico.

Conhecer a diversidade da produção artística observando os processos de criação é, portanto, aspecto constitutivo da orientação didática. As atividades propostas na área de Arte devem garantir e ajudar os alunos a desenvolver modos interessantes, imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre a arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação.⁵

Dessa forma cabe ao professor de Arte compreender as várias situações de aprendizagem, perceber, problematizar e ampliar as experiências dos alunos criando atividades que estimulem o processo de criação de cada um como indivíduo único e sua interação com o grupo.

4 Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília : MEC/SEF, 1997, p.31

5 Idem, p.95

Assim, “a intervenção do professor abarca, portanto, diferentes aspectos da ação pedagógica e se caracteriza como atividade criadora, tendo como princípio que ele é, antes de mais nada, um educador que intencionalmente cria, sente, pensa e transforma.”⁶ Para o PCN de Arte, o professor desta disciplina deve ter a pesquisa como prática constante, buscando integrar as informações coletadas a elementos da realidade em que a comunidade escolar está inserida visando o enriquecimento da aprendizagem artística de seus alunos.

[...] imagens, textos que falem sobre a vida de artistas (seus modos de trabalho, a época, o local), textos críticos, textos literários, levantamento sobre artistas e artesãos locais, revistas, vídeos, fitas de áudio, cassetes, discos, manifestações artísticas da comunidade, exposições, apresentações musicais e teatrais, bem como acolhimento dos materiais trazidos pelos alunos.⁷

O professor deve conhecer também a história da arte para saber integrá-la ao conteúdo que será dado relacionando-o com as ideias e tendências da época em que vive bem como ao contexto em que a comunidade está inserida. Desta forma os alunos perceberão que a Arte não existe isoladamente, mas que ela está relacionada a tudo que está acontecendo à sua volta.

O registro e a documentação das atividades são importantes para o desenvolvimento do trabalho, pois é através desses instrumentos que o professor de arte terá recursos para dar continuidade nas aulas de forma coerente com o projeto da escola sistematizando o conhecimento, refletindo sobre os processos e repensando-os.

São, entre outros, relatos de aula, as observações sobre cada aluno e sobre as dinâmicas dos grupos, a organização dos trabalhos realizados pelos alunos segundo critérios específicos, as perguntas surgidas a partir das propostas, descobertas realizadas durante a aula, os tipos de documentação, gravações, propostas de avaliação trabalhadas durante as aulas e as propostas de registros sugeridas pelos alunos, como fichas de observação, cadernos de percurso, “diários de bordo” e instrumentos pessoais de avaliação.⁸

6 Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília : MEC/SEF, 1997, p.96

7 Idem, p. 98

8 Idem, p. 97

Tão importante quanto o registro, a criação e os conteúdos é a também a organização do espaço e do tempo de trabalho, bem como os instrumentos de registro e documentação das atividades dos alunos.

O professor deve se preocupar quanto à clareza visual em relação a funcionalidade do ambiente e dos materiais criando uma estética para esse espaço de trabalho fazendo com que os alunos se sintam envolvidos por uma “egrégora”⁹ de arte e sejam compelidos a participar das atividades.

Um espaço desorganizado, impessoal, repleto de clichês, como as imagens supostamente infantis, desmente o propósito enunciado pela área. A criação do espaço de trabalho é um tipo de intervenção que “fala” a respeito das artes e de suas características por meio da organização de formas manifestadas no silêncio, em ruídos, sons, ritmos, luminosidades, gestos, cores, texturas, volumes, do ambiente que recebe os alunos, em consonância com os conteúdos da área.¹⁰

Abordando as artes de uma forma ampla, o PCN da área de Arte se propõe a oferecer às escolas e aos educadores um material sistematizado com o objetivo de equalizar as competências desta disciplina, bem como foi proposto para todas as outras áreas de ensino.

No capítulo que fala sobre as Artes Visuais, o PCN de Arte considera que a educação visual do indivíduo deve prever a complexidade do aluno, da instituição e do meio em que ela está inserida. Considerando a forma como esse aluno aprenderá, criará, desenvolverá e modificará suas concepções de arte.

A educação em Artes Visuais necessita de entendimento sobre os conteúdos, materiais e técnicas, bem como da compreensão de diversos momentos da história. Desta forma, a escola deve colaborar para que os alunos experienciem a arte articulando e desenvolvendo uma produção artística pessoal e coletiva.

9 Egrégora: Egrégora, ou egrégoro para outros, (do grego egrégorein, Velar, vigiar), é como se denomina a entidade criada a partir do coletivo pertencente a uma assembleia, ou seja, é um campo de força criado no Plano Astral a partir da energia emitida por um grupo de pessoas através dos seus padrões mentais e emocionais - Wikipédia – Enciclopédia livre - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Egr%C3%A9gora> – Acesso em 04 de setembro de 2013

10 Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília : MEC/SEF, 1997, p.97

1.2 – A proposta pedagógica das escolas e a área de Artes Visuais

Para a pesquisa foram escolhidas duas escolas públicas, sendo uma estadual e outra municipal, ambas localizadas na cidade de Belo Horizonte para serem analisadas e estudadas, com base nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no que diz respeito à posição político curricular da disciplina de Arte em suas práticas.

A Escola Estadual Anita Brina Brandão apresentou um planejamento anual de Arte redigido por um pedagogo, então professor de Arte do ensino médio desta instituição, e pela supervisora da escola no ano de 2012.

Neste planejamento a arte é tratada de forma generalizada e no que se refere às artes documento diz que:

[...] o fortalecimento da experiência sensível e inventiva dos estudantes, e para o exercício da cidadania e da ética construtora de identidades artísticas [...] se faz dando continuidade aos conhecimentos de arte desenvolvidos na educação infantil e fundamental em artes visuais, dança, música e teatro, ampliando saberes para outras manifestações, como as artes audiovisuais (PCN – EM).

As aulas de Arte são um espaço privilegiado para que sejam aprendidas as elaborações estéticas presentes nos produtos artísticos de artes audiovisuais, artes visuais, dança, música e teatro, e sobre as possibilidades de apreciação desses produtos artísticos.¹¹

No que diz respeito às Artes Visuais o documento fala da importância da “imagem visual” e do desenvolvimento da competência de saber ver e analisar imagens.

Os modos de produção e de conhecimento de imagens são bastante diversificados. Entre os meios eletrônicos e os tradicionais, há uma variedade bastante grande de possibilidades a serem exploradas e usadas. Construir conhecimentos que ajudem as escolhas dentre essas possibilidades é extremamente importante para a inserção do aluno no contexto contemporâneo de produção e fruição visual. Isso só pode acontecer se for trabalhado, com o aluno, o pensamento crítico aliado ao pensamento artístico.¹²

11 Planejamento Anual de Arte Escola Estadual, 2012, p.7

12 Idem

O documento, que possui ao todo dezessete páginas, dedica apenas três delas sob o título *Conhecimento e Expressão em Artes Visuais* com objetivos e estratégias amplas e muito diversificadas deixando pouco claro como o professor de Arte deverá pautar as suas aulas.

Na escola municipal Aurélio Pires, o Projeto Político Pedagógico, sob título *Rede de Trocas*, editado pela Prefeitura de Belo Horizonte e com tiragem de 1.000 exemplares, é bem estruturado e apresenta uma preocupação com a interação do cotidiano do aluno à comunidade escolar o que é percebido no trecho inicial do documento que diz: “[...] elaborar um texto para a rede de trocas e, ao mesmo tempo, construir um registro coletivo da memória histórica dos processos que a escola viveu nos últimos anos. Só assim vimos sentido nessa atividade.” (REDE DE TROCAS, 2010, p.2)

Segundo o documento a escola tem mais de 50 anos de existência e um quadro estável de professores e funcionários, dado esse que mostra a preocupação com a continuidade das propostas apresentadas e vivenciadas pelos professores e a comunidade.

O documento traça o perfil socioeconômico de seus alunos indicando uma preocupação com as relações comunidade/escola.

Nossos alunos do diurno são, em sua maioria, negros provenientes dos bairros Aeroporto, Jaraguá, Universitário e Indaiá. Um número significativo é morador das três vilas que se localizam na região, portanto, são muito pobres e sofrem discriminações diversas no bairro (que é tido como classe média). [...] Quando chegam à escola, apresentam uma baixa auto-estima e muitas vezes são agressivos com os colegas.¹³

O perfil da comunidade escolar é acadêmico e mostra, com orgulho, dados relevantes a respeito dos educadores e de outros funcionários da escola.

A escola conta, hoje, com noventa e oito trabalhadores [...]. São em sua maioria moradores do bairro e demonstram grande sensibilidade para os problemas sociais que os alunos enfrentam.

No que diz respeito aos professores, 91% já cursaram o terceiro grau e 8,5% estão frequentando a universidade. Muitos possuem especialização e alguns já concluíram, o mestrado. [...] Observamos entre os professores

13 Rede de Trocas: Uma Experiência em Movimento – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2010, pg. 6

uma grande disposição para o diálogo e um alto investimento nas relações interpessoais com os alunos.¹⁴

No capítulo intitulado *A Escola e a Família* fala sobre a relação entre essas duas instituições e da importância da ajuda mútua entre elas para o desenvolvimento dos processos educacionais.

Estamos sempre refletindo e discutindo sobre o trabalho realizado pela escola, sobre o processo de aprendizagem e, muitas vezes, decidimos juntos com os alunos e suas famílias os procedimentos mais adequados para resolução dos problemas.

Promovemos, no decorrer do ano, eventos como gincanas, ruas de lazer, passeios ciclísticos, oficinas de artes, concertos musicais, uma semana literária e jogos esportivos dirigidos a toda a comunidade escolar com o objetivo de integrá-la às atividades da escola e ampliar sua participação em momentos culturais.¹⁵

No capítulo que fala sobre a organização do trabalho, o documento informa contar “com professores especialistas em educação física e artes nos três ciclos.”

Para finalizar apresentamos algumas citações do capítulo que fala especificamente sobre currículo. Nele podemos perceber a importância de disciplinas como a de Arte para a formação do aluno enquanto sujeito que pensa e desenvolve um pensamento crítico.

Nossa concepção atual baseia-se no currículo visto como artefato cultural, à medida que traduz valores pensamentos e perspectivas de uma determinada época ou sociedade.

[...] currículo é aquilo que estudantes e professores produzem em sua interação com uma diversidade de materiais. [...] Sendo assim, nosso currículo está em permanente construção.¹⁶

Consideramos que apesar de cada um dos professores possuírem formação acadêmica específica, os profissionais interessados em romper a chamada barreira da área, dispõem-se a construir os processos educativos experimentados por adultos, jovens, adolescentes e pelas crianças, na escola. [...]

O grupo de professores acredita, ainda, que para construir conhecimento é preciso passar pela cultura, pela afetividade e pela emoção. Os conteúdos acadêmicos são instrumentos desses processos, não possuem fim em si

14 Rede de Trocas: Uma Experiência em Movimento – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2010, pg. 8

15 Idem, p. 9

16 Idem, p.19

mesmos.¹⁷

[...] Na busca de novos conhecimentos, os alunos se deparam com problemas cognitivos, culturais, sociais, artísticos e necessitam de pesquisar e refletir para construir seus conhecimentos.¹⁸

17 Rede de Trocas: Uma Experiência em Movimento – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2010, pg. 20

18 Idem, p.21

CAPÍTULO 2 – O perfil dos professores das disciplinas de Arte

Nas primeiras páginas do livro Para Gostar de Aprender Arte, sua autora, Rosa Iavelberg fala da obrigatoriedade da disciplina de Arte nas escolas e da necessidade de atualização dos educadores desta área. Ela diz ainda que as equipes de educadores das escolas e redes de ensino devem, por sua vez, realizar um trabalho de qualidade com o objetivo de tornar agradável e interessante o ensino de arte nestas instituições. Iavelberg cita ainda a importância da formação contínua e do investimento em projetos de pesquisa por parte dos centros de formação de professores para que as práticas em sala de aula sejam renovadas e atualizadas.

Partindo desse direcionamento, que também é bastante enfatizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, preparamos para essa pesquisa um primeiro questionário (anexo A) com o objetivo de traçar um perfil do professor de Arte das duas escolas escolhidas para esta pesquisa.

Chamaremos de professor 1, o professor da Escola Estadual Anita Brina Brandão e de professor 2 o da Escola Municipal Aurélio Pires

No primeiro bloco de perguntas, foram coletados dados pessoais destes professores e, em ambas as escolas, constatamos que os profissionais são do sexo feminino com idade acima de 50 anos.

No segundo bloco, questionamos sobre a formação profissional, averiguamos que as duas professoras são graduadas, sendo que a professora 1 é Bacharel em Artes Plásticas e sem especialização e a professora 2 é Bacharel em Artes Plásticas, Licenciada em Educação Artística e Pós-Graduada em Arte-Educação.

No que se refere cursos de aperfeiçoamento e extensão, a professora 1 informou que sua última atualização aconteceu há mais de 10 anos, enquanto que a professora 2 tem apenas 1 ano de conclusão desde seu último curso.

No bloco seguinte, o terceiro, as perguntas foram relativas à formação do professor em Artes Visuais e suas práticas na atualidade. Neles pudemos averiguar que as duas educadoras, embora com graduações diferentes, tiveram diversas experiências envolvendo as Artes Visuais e que procuram se atualizar com o máximo de frequência possível, sendo que a professora 2 demonstrou ter mais

acesso a informações sobre mostras, palestras e exposições do que a professora 1.

Abaixo seguem os quadros com as transcrições das respostas dadas por essas professoras para esse bloco de perguntas¹⁹:

Quadro 1: Formação na área de arte

Professora 1	Formada em artes plásticas pela UEMG (Guignard).
Professora 2	Bacharel em Artes Plásticas, Licenciatura Plena em Educação Artística e Pós-graduação em Arte-Educação pela UEMG (Guignard).

Quadro 2: Atualização profissional

Professora 1	Por meio de pesquisa, leitura, troca de experiências com colegas de profissão.
Professora 2	Sempre participo de cursos, palestras e grupos artísticos. Procuro constantemente me atualizar na internet e visito todas as mostras de arte possíveis.

Quadro 3: Referências visuais

Professora 1	Wanda Tofani
Professora 2	Vários, tanto de épocas anteriores quanto contemporâneos. Cito Álvaro Apocalipse, Cildo Meireles ou Rivane, por exemplo.

Ainda neste bloco mais duas perguntas foram feitas e as professoras responderam de forma bem sucinta conforme quadros a seguir:

Quadro 4: Processo de criação com a imagem fora da instituição

Professora 1	Trabalho com artesanato, pintura e restauração de imagens.
Professora 2	Tenho produção pessoal reduzida, porém constante.

¹⁹ Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 5: Como é feita a pesquisa de repertório visual em trabalhos pessoais

Professora 1	Pesquisa de campo e experiência própria
Professora 2	Através das várias vivências artísticas do meu cotidiano como citado anteriormente.

Pelas respostas dadas a essas duas questões entendemos que as duas professoras têm uma reduzida pesquisa na área de Artes Visuais e pela falta de detalhes podemos supor pouca vivência com os processos de criação com a imagem. Vale lembrar que a professora 2 cita artistas contemporâneos e, apesar de responder sem detalhes, menciona ter produção pessoal. Assim, percebemos que, apesar da necessidade, o excesso de trabalho e os problemas cotidianos dos educadores muitas vezes os impedem de buscar um aprofundamento no campo da prática e da pesquisa em arte para um melhor desenvolvimento das questões em sala de aula.

A última pergunta deste bloco questiona sobre alguma experiência tocante ou memória afetiva envolvendo a arte e as professoras responderam como está transcrito no quadro 6 que segue abaixo:

Quadro 6: Quanto à experiência ou memória afetiva que envolva arte

Professora 1	Trabalho realizado dentro do projeto da Prefeitura onde trabalhei em oficinas de arte em praça pública.
Professora 2	Me sinto privilegiada por poder vivenciar a arte de várias formas. Destaco uma vez que estive no Museu D'Orsay e diante de uma obra meu coração se acelerou mesmo eu não sabendo reconhecer o artista. Me emocionei com a luz e cores do quadro. Quando olhei o informe da obra descobri ser uma obra de van Gogh que eu não conhecia. Percebi a grandeza do artista, uma vez que a obra me emocionou sem a influencia do nome já consolidado. Outras experiências bacanas pude vivenciar em Inhotim e na própria escola, com alunos.

Enquanto a professora 1 se detém a sua experiência didática mesmo que em um contexto rico, a professora 2 nos revela sua experiência pessoal e formativa no

âmbito da apreciação que é um dos eixos propostos pela abordagem triangular, aqui é importante ressaltarmos a importância de um professor que vivência em seus processos com a arte aspectos que se desdobram em sua prática com os alunos.

Para o quarto bloco foram formuladas questões que abordam a prática do ensino de arte na escola e nele averiguamos que a professora 2 da Escola Municipal Aurélio Pires tem mais tempo de atuação no ensino de arte do que a professora 1 da Escola Estadual Anita Brina Brandão.

Durante esta pesquisa solicitamos os planejamentos de aula das professoras da disciplina de Arte para que pudéssemos acrescentá-los a este estudo. Porém, as duas professoras informaram que fazem seus planejamentos de forma informal e que possuem algumas anotações, mas pelo que pudemos perceber, as aulas acontecem de acordo com as demandas da escola e com a resposta dos alunos. É possível perceber, então, que o trabalho, apesar de dedicado, é feito de forma improvisada e intuitiva.

Assim, solicitei informações com relação às fontes utilizadas por estas docentes na elaboração de suas aulas, por acreditar ser importante saber quais teóricos são utilizados nos planejamentos, mesmo sendo estes feitos informalmente.

Quadro 7: Quanto à bibliografia utilizada em no planejamento de aula

Professora 1	Leonardo Da Vinci, Claude Monet, Van Gogh, Pablo Picasso, Tarsila do Amaral, etc.
Professora 2	Em geral utilizo minha biblioteca pessoal, internet e alguma indicação de textos.

Percebi que, mesmo respondendo de forma pouco aprofundada, a professora 2 possui familiaridade com o termo “bibliografia”, demonstrando familiaridade também com a prática de pesquisa e sistematização do conhecimento, diferentemente da professora 1 que cita artistas consagrados de diversos movimentos mas desconhecendo a prática de pesquisa. A partir de sua resposta podemos detectar uma predileção por artistas consagrados (renascimento e vanguardas do início do século XX) e muito citados e a total ausência de uma

referência contemporânea.

Outras duas perguntas abertas foram feitas para o quarto bloco conforme quadro que segue abaixo:

Quadro 8: De que forma são contemplados os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais nas aulas de artes

Professora 1	O interesse dos alunos, a criatividade e a dificuldade em realizar um trabalho digno em escola pública.
Professora 2	Não respondeu.

Observei que a professora 1 não entendeu o questionamento. Já a professora 2 justificou a ausência de sua resposta dizendo que a pergunta era muito ampla. Porém em uma conversa informal, após aplicação do questionário, ela informou que faz diversas atividades desenvolvendo a sensibilidade dos alunos, através de visitas a exposições (três visitas somente este ano), apreciação de obras de arte. A professora 2 disse também que as suas aulas não se limitam ao fazer artístico, mas também às questões que envolvem o processo de construção da imagem.

Quadro 9: Como é feita a pesquisa de repertório visual nas práticas educativas

Professora 1	Buscar referências para trabalhar em sala de aula, o exercício de “Releitura da Obra”.
Professora 2	Em geral a partir de apresentações em multimídia.

Neste caso, a pergunta foi melhor compreendida pela professora 1, porém podemos perceber que essa professora faz uso de procedimentos bastante “desgastados” como é o caso de certas práticas com a releitura limitando-se a cópia dos resultados de uma obra de um determinado artista para o ensino das Artes Visuais. Vale lembrar que a releitura pode se dar através de uma abordagem dos procedimentos de criação de uma imagem e dos processos de criação artística e aí ela não será uma cópia, um pastiche de uma obra de arte.

No capítulo de Orientações Didáticas para Arte do PCN de Arte, nota-se que

essa tendência em trabalhar a arte com modelos prontos foi diagnosticada e que é necessário romper com esse paradigma buscando novas formas de ensinar arte.

A didática do ensino de Arte manifesta-se em geral em duas tendências: uma que propõe exercícios de repetição ou a imitação mecânica de modelos prontos. Outra, que trata de atividades somente auto-estimulantes. Ambas favorecem tipos de aprendizagens distintas, que deixam um legado empobrecido para o efetivo crescimento artístico do aluno.[...]

As atividades propostas na área de Arte devem garantir e ajudar os alunos a desenvolver modos interessantes, imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre a arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação.²⁰

No livro *A Imagem no Ensino da Arte*, Barbosa afirma não apoiar o “deixar fazer” e que ao invés disso busca “[...] uma abordagem que torne a arte não só um instrumento de desenvolvimento das crianças, mas principalmente um componente de sua herança cultural.” (BARBOSA, 2007, p.3)

Ainda no quarto bloco, o questionário contempla seis perguntas fechadas sobre as aulas de arte tomando como base o PCN da disciplina de Arte e as respostas das professoras seguem no quadro abaixo:

Quadro 10: Sobre as práticas em arte com base no PCN de Arte

Pergunta	Prof. 1	Prof. 2
Seu plano de aula parte de uma investigação do conhecimento dos alunos de uma determinada turma/comunidade?	sim	sim
Você trabalha a interdisciplinaridade entre as áreas de arte?	sim	sim
Você trabalha a interdisciplinaridade entre a arte e as outras disciplinas?	sim	sim
Os alunos contribuem de alguma forma com o planejamento das aulas de artes?	não	sim
Você acredita que somente a criança que tem um “dom” poderá aprender arte?	não	não
Você conhece a abordagem triangular?	sim	sim

A duas professoras tiveram respostas iguais para a maioria das perguntas,

20 Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília : MEC/SEF, 1997, p.94

sendo que a professora 2 informou que trabalha interdisciplinaridade entre arte e outras disciplinas “às vezes” e a professora 1 informou que “na maioria das vezes os alunos não contribuem com o planejamento das aulas de arte, com raras exceções”.

No quadro 10, respondendo à última pergunta, ambas as professoras disseram conhecer a abordagem triangular, porém ao responder como aplicam esse conhecimento em sala de aula (quadro 11), a professora 1 mostrou não dominar o assunto enquanto que a professora 2 foi bem clara em sua resposta conforme podemos ver no quadro que segue:

Quadro 11: Como é feita a abordagem triangular em sala de aula

Professora 1	Elaborando trabalho de releitura da obra dos artistas mais importantes dos movimentos de arte moderna e contemporânea.
Professora 2	Exatamente como ela propõe. Conhecimento da obra, vivência artística e contextualização no cotidiano ou vivência do aluno.

Assim percebemos que,

[...] não é só incluindo a arte no currículo que a mágica de favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como construtor de sua própria nação acontece. [...] também é necessário se preocupar como a arte é concebida e ensinada.²¹

A aplicação deste questionário foi um tanto quanto turbulenta, pois as professoras estão sempre atarefadas correndo de uma turma para outra. Apesar disso, notei que ambas tem dificuldades, porém distintas, em cada instituição.

A professora 2 da Escola Municipal Aurélio Pires tem mais recursos, materiais de arte, salas específicas de arte e sala multimídia disponível, entre outras vantagens que a estrutura oferece, porém os alunos vem de áreas de risco e são crianças notadamente mais difíceis de lidar. Algumas tem problemas sérios na família ou fora dela, outras já tiveram passagem pela polícia. Desta forma, as queixas desta docente são inúmeras no que se refere a “qualidade” dos alunos da escola.

21 BARBOSA, Ana Mae, Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p.17

Já para a professora 1 da Escola Estadual Anita Brina Brandão a dificuldade é outra, os alunos têm um nível social e financeiro mais elevado, porém a estrutura é precária. São poucos os recursos, a escola não possui sala de arte, materiais pedagógicos específicos e tampouco salas multimídia para uso de computadores e projetor. Além disso, durante todo o percurso educacional do aluno na instituição, a aula de Arte acontece em dois momentos pontuais do currículo: no 6º ano do ensino fundamental e no 1º ano do ensino médio, sob alegação de que não há espaço na grade curricular para essa disciplina nos outros anos.

Esse intervalo de três anos entre as aulas da disciplina de Arte impedem que o docente faça um trabalho de qualidade com os alunos, pois a quebra não permite a sequência didática necessária.

Segundo os PCN's, “os conteúdos das aulas de Arte estão organizados de tal maneira que possam atender aprendizagens cada vez mais complexas no domínio do conhecimento artístico e estético (...)”. Porém, na prática, essa organização ainda não acontece, uma vez que percebemos que as aulas são interrompidas e ministradas de forma desordenada, sem uma sequência de conteúdo que proporcione ao aluno um aprendizado significativo.

CAPÍTULO 3 – O perfil dos professores que não lecionam a disciplina de Artes Visuais

Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para salvar os oprimidos da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele.²²

Neste capítulo temos como foco o perfil do professor das outras disciplinas do currículo do ensino fundamental, ou seja, que não tem formação e não lecionam a disciplina de Artes Visuais.

Esse perfil foi traçado com base no segundo questionário (apêndice B) onde as perguntas foram formuladas com o objetivo de perceber qual a importância dada à disciplina de Artes Visuais por educadores sem formação em Artes.

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica.²³

Esse questionário foi aplicado em cinco professores do ensino fundamental de cada escola em questão e no primeiro bloco de perguntas foram coletados dados pessoais desses professores.

Abaixo seguem os gráficos que apontam que a maioria dos professores das duas escolas pesquisadas são do sexo feminino, tem idade entre 46 e 50 anos e recebem acima de cinco salários-mínimos.

22 BARBOSA, Ana Mae, Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p.15

23 Idem

Faixa etária dos professores:

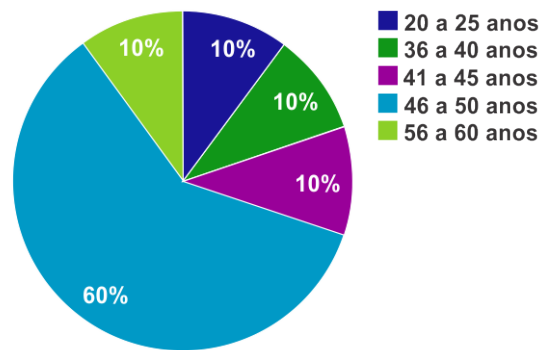


Ilustração 1: Faixa etária dos professores

Sexo dos professores:

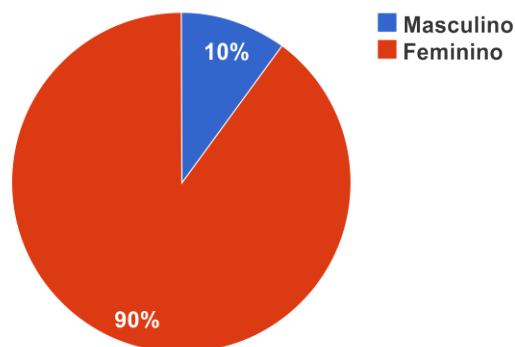


Ilustração 2: Quanto ao sexo

Faixa de renda familiar mensal dos professores:

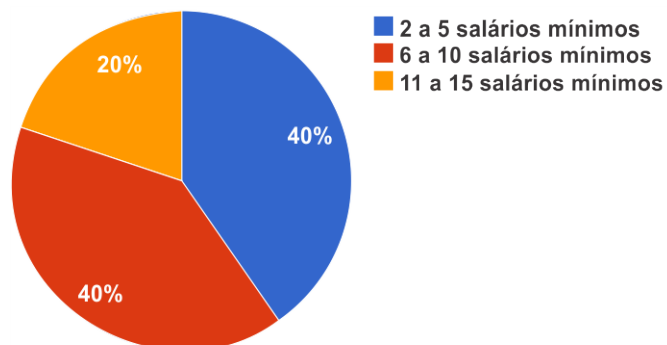


Ilustração 3: Quanto à renda familiar

Fazendo ainda um comparativo da renda familiar, percebemos que os professores da escola municipal tem renda maior que os da escola estadual como podemos ver nos gráficos abaixo:

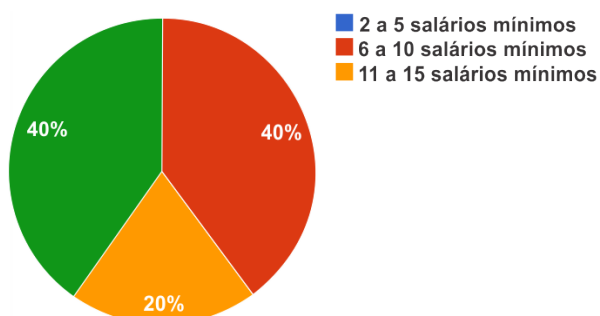


Ilustração 4: Renda mensal familiar dos professores da escola municipal

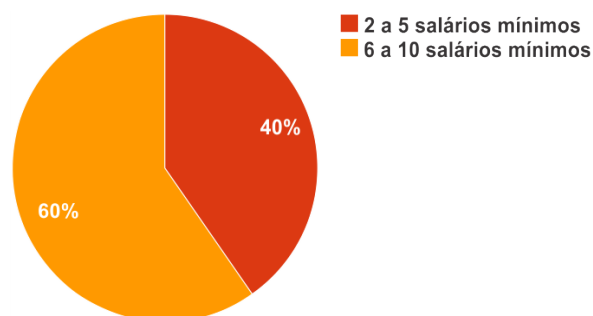


Ilustração 5: Renda mensal familiar dos professores da escola estadual

Uma renda familiar mais alta sugere mais acesso à cultura e à informação, mas nem por isso percebemos, na maioria desses professores, um interesse significativo pelo campo das Artes Visuais como poderemos ver durante o percurso desse capítulo.

No segundo bloco as questões foram relativas à formação desses professores que em sua maioria vai além da graduação. Podemos notar no gráfico abaixo que 70% dos professores são pós-graduados.

Sobre a formação do professor sem formação em artes:

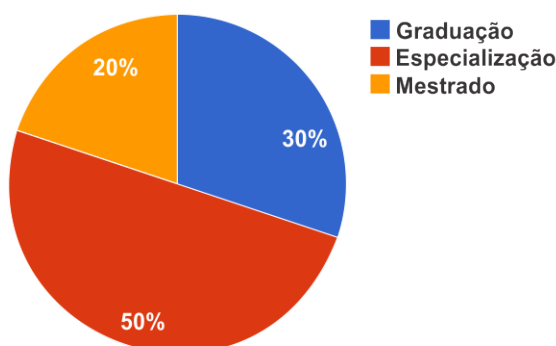


Ilustração 6: Quanto à graduação

Ao compararmos os dois gráficos abaixo (ilustrações 7 e 8), constatamos que os professores da escola municipal investiram mais em cursos de pós-graduação, visto que apenas uma professora não possui pós-graduação, o que se justifica pela sua pouca idade. Os outros docentes possuem mestrado e um deles é doutorando. Já na escola estadual, três professores são especializados e dois tem apenas graduação.

Outro dado importante é o de que a maioria dos professores da escola municipal, 80%, tem formação continuada enquanto que na escola estadual apenas um dos cinco entrevistados possui esse tipo de formação como mostram os gráficos abaixo:

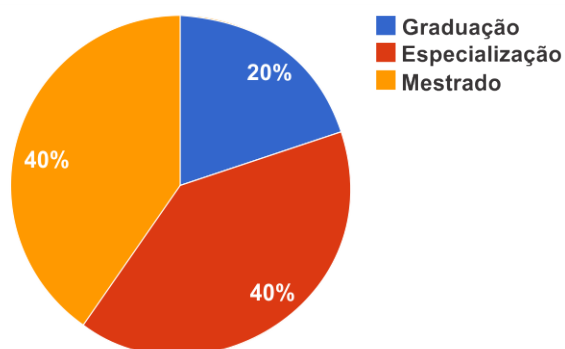


Ilustração 7: Formação dos professores da escola municipal

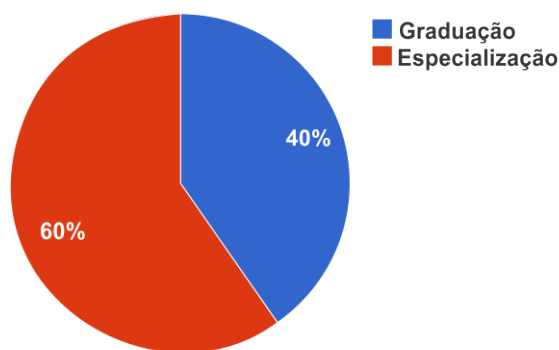


Ilustração 8: Formação dos professores da escola estadual

O próximo bloco procurou investigar brevemente o grau de afinidade que esse professor sem formação em Arte tem com as Artes Visuais questionando o professor sobre sua formação escolar em artes, sobre seu acesso à cultura e seu interesse pelas Artes Visuais.

As perguntas foram então, assim formuladas:

Quadro 12: Sobre a formação escolar do professor na área de Artes Visuais

1	Durante toda minha trajetória escolar tive muito contato com as artes visuais, tanto em aulas de produção artística quanto em eventos e excursões relacionados à arte. Essa formação foi muito positiva para mim
2	Apenas com informações dadas na escola, no ensino fundamental.

3	Fraca, fiz curso técnico (siderurgia)
4	Estudei artes somente no ensino básico. Foram experiências interessantes.
5	Estudei no ensino básico.

Para esta primeira pergunta, apenas cinco professores dos dez entrevistados responderam ter algum contato com artes durante sua formação escolar. Desses cinco, os três primeiros são da escola municipal e os outros dois da escola estadual, sendo que a primeira resposta, a mais completa e positiva, foi dada pela professora mais nova (menos de 25 anos) entre os entrevistados. Considerando este pequeno grupo os professores da escola municipal nos apresentam uma formação mais rica em arte, e pela resposta da professora mais jovem ser a mais rica poderíamos levantar a questão: estaria a experiência com arte na escola aos poucos ganhando espaço? Os outros professores informaram não ter nenhuma educação escolar em artes ou deixaram a questão em branco.

Como mais de 70% destes professores tem idade acima de 45 anos (ilustração 1) constatamos que estes indivíduos tiveram uma formação escolar privada da disciplina de arte, uma vez que estudaram no período entre o início dos anos 60 e o final dos anos 70 marcados pela Ditadura Militar, época em que os currículos foram normatizados e estereotipados e as escolas de educação infantil foram fechadas. Segundo Ana Mae Barbosa: “A partir daí a prática de arte nas escolas públicas primárias foi dominada em geral pela sugestão de tema e por desenhos alusivos a comemorações cívicas, religiosas e outras festas” (BARBOSA, 2003, p.3).

Já na segunda questão o retorno foi mais significativo, tivemos oito respostas e dois professores deixaram a questão em branco. Percebemos, então, que esses professores têm mais acesso a shows e espetáculos populares e mostras que estão com mais visibilidade na mídia. De qualquer forma 80% dos entrevistados já frequentou algum tipo museu, teatro ou casa de espetáculo.

Entre as oito respostas, as cinco primeiras foram dadas pelos professores da escola municipal e as três restantes pelos professores da escola estadual. Nos indicando que o apreciar arte pode estar mais presente entre os professores da rede

municipal.

Quadro 13: Sobre o acesso do professor à exposições, filmes, peças de teatro, espetáculos de dança e música

1	Diversas exposições no Palácio das Artes, peças de teatro do Grupo Galpão e Corpo, shows de diversas bandas, etc.
2	Rodin, Óperas (Viúva Alegre, La Boheme). Vou ao cinema toda semana.
3	Grupo Corpo (Dança), Shows diversos – Música – Chico Buarque, Djavan, Marisa Monte. Exposição Escher, Portinari. Filmes – sempre vou ao cinema.
4	Musical Tim Maia, Show Caetano, Musical Família Adans, Teatro de Sombra.
5	Desmundo, A Vida é Bela, Os Miseráveis.
6	Romeu e Julieta (Grupo Galpão), Sarandeiros (Dança), Um Cego de Olho no Futuro (Geraldo Magela), Disney: Branca de Neve e os Sete Anões, Teatro Brasil: Portinari.
7	Visita a Inhotim, Teatro de “comédia”, Festival de Dança do Colégio Militar.
8	Guerra e Paz (Portinari) – BH, O Fantasma da Ópera – Teatro Abril-SP, Caravaggio e seus Seguidores – Casa Fiat de Cultura.

Na terceira pergunta deste bloco, as respostas foram mais tímidas. Percebi que alguns professores não entenderam o que é um artista visual ou apenas responderam o primeiro artista famoso que lhe veio à cabeça no momento.

Apenas seis professores responderam e, como podemos notar no quadro 14, somente dois dos seis tiveram respostas que demonstram um pouco mais de afinidade com o campo da arte.

Quadro 14: Sobre o conhecimento da produção de algum artista visual

1	Sim, de vários. Alguns são Van Gogh, Frida Kahalo, Picasso, Monet, Evaldo Eras, etc.
2	Sim, Romero Brito.

3	Não, nenhum que valha a pena lembrar.
4	Tarsila do Amaral, Portinari, Caravaggio.
5	Romero Brito
6	Inhotim (parque), Portinari

A quarta questão busca saber se o professor sem formação em Arte tem algum interesse em saber mais sobre as Artes Visuais. Dos dez professores entrevistados, sete afirmaram que sim, um respondeu que não e outros dois deixaram a questão em branco.

Sobre o interesse em saber mais sobre as Artes Visuais:

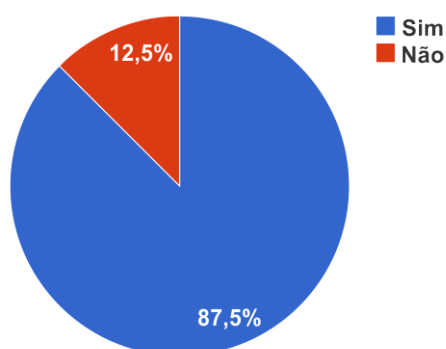


Ilustração 9: Quanto ao interesse em saber sobre as artes visuais

Para a quinta e última questão desse bloco, essa pesquisa quis verificar se esses professores tiveram, em algum momento de suas vidas, alguma experiência tocante ou memória afetiva que envolva as Artes Visuais.

Pelo baixo grau de importância dado pelos professores sem formação em Arte durante todo o percurso do questionário, ao chegar nesse ponto, verificamos que o retorno foi um reflexo do restante das perguntas ou, ao contrário, essa pergunta mostra o porquê de respostas serem tão rasas e evasivas.

Vamos ao resultado:

Quadro 15: Quanto à experiência ou memória afetiva envolvendo as Artes Visuais

1	Muitas das exposições que visitei foram tocantes e memoráveis com destaque para o Museu do Van Gogh e Rembrandt (Amsterdã) e o Louvre (Paris).
2	Adoro museus de arte.
3	Conheci o museu do Louvre e o MASP (obras de Portinari).
4	Durante minha formação no ensino básico trabalhei com mandalas e até hoje as admiro.
5	Mandalas.

Apenas cinco dos dez professores responderam esta pergunta, sendo que somente duas respostas são aparentemente relevantes, pois mostram que estes educadores frequentam espaços de arte e um deles, inclusive, cita a experiência das visitas como “tocantes e memoráveis”. Os outros cinco professores informaram não ter tido nenhuma experiência envolvendo as Artes Visuais ou deixaram a questão em branco.

No quarto e último bloco dessa entrevista buscamos informações relativas à atuação desse professor em sala de aula e seu relacionamento com a disciplina e o professor de arte.

Sobre o tempo de atuação, em anos, destes professores em sala de aula foi gerado o gráfico a seguir com 70% de professores com mais de dezesseis anos de docência.

Sobre o tempo de atuação do professor em educação:

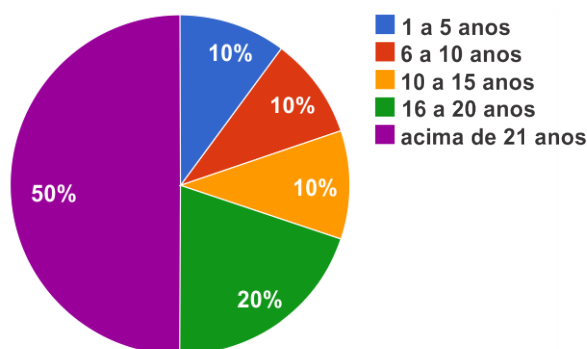


Ilustração 10: Tempo de atuação em educação

Este gráfico vem provar mais uma vez o pouco conhecimento desses professores no campo das artes, uma vez que os educadores, de faixa etária mais elevada, não tiveram nenhuma formação escolar em artes.

A terceira pergunta deste bloco questionou se esses professores já procuraram trabalhar com a Arte de forma interdisciplinar e a maioria afirmou que sim como mostra o gráfico a seguir.

Sobre o trabalho interdisciplinar entre as outras disciplinas e a disciplina de Arte:

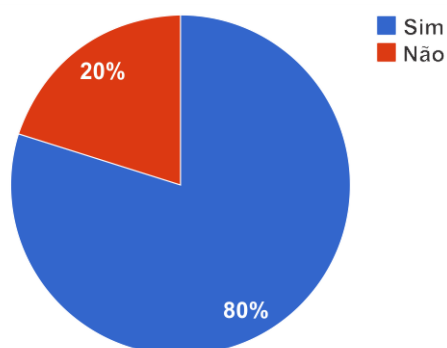


Ilustração 11: Sobre interdisciplinaridade

Com o objetivo de complementar a pergunta acima, a quarta pergunta quis saber quem buscou essa parceria se o professor das disciplinas do currículo que não a de arte ou se o professor da disciplina de Arte.

Para surpresa dessa pesquisa, dos oito professores que informaram ter trabalhado de forma interdisciplinar com a disciplina de Arte, 75% informou ter sido ele próprio a tomar a iniciativa de buscar essa parceria como podemos ver no gráfico 12 a seguir:

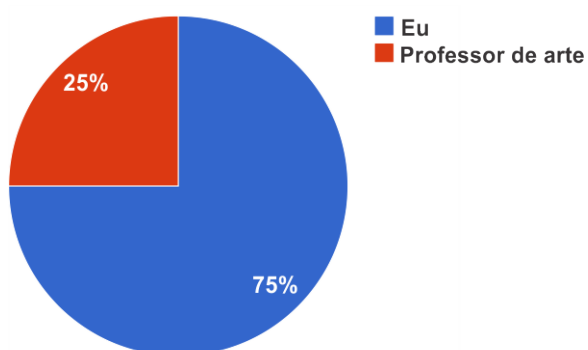


Ilustração 12: Sobre quem buscou a parceria entre as disciplinas

Para finalizar este quarto bloco de perguntas procuramos saber se cada professor tem conhecimento de que a disciplina de Arte foi incluída como componente curricular obrigatório na educação básica desde 1996 e 90% dos entrevistados informou ter conhecimento dessa legislação como mostra o gráfico que segue:

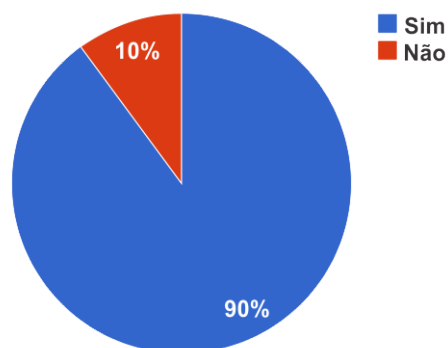


Ilustração 13: Quanto ao conhecimento da inclusão da disciplina de Arte como componente curricular obrigatório na educação básica desde 1996

CONCLUSÃO

De acordo com o estudo desenvolvido ao longo deste trabalho foi possível corroborar alguns pensamentos já consolidados e construir novas questões ainda passíveis e necessárias de discussão.

Não pude deixar de notar que a fragmentação e a hierarquização entre as áreas do conhecimento influenciam de maneira direta o ensino da arte, que de maneira descontextualizada e desconexa aplica atividades de repetição/cópia ou livre expressão transformando o ensino de arte em algo sem sentido, objetivo ou sem relação com um tema maior, tornando o professor um repetidor de atividades seguidas e não um proponente de questões referentes a um conhecimento específico e reconhecido, para isso a prática de procedimentos artísticos, a pesquisa e a sistematização do conhecimento num planejamento são fundamentais.

A partir desta pesquisa também foi possível constatar uma incoerência em relação à interdisciplinaridade. Por um lado, os professores de outras áreas afirmam que trabalham e buscam essa relação com a disciplina de Arte e por outro, em suas respostas revelam total desconhecimento das artes. Assim, averiguamos que a disciplina de Arte não se relaciona com as outras matérias ensinadas no Ensino Básico e que esta situação ocorre devido ao desconhecimento dos professores em relação à arte e a sua importância na formação do indivíduo, gerando até mesmo estranheza e certo preconceito em relação a este assunto.

O tema Arte, quando desenvolvido pelas escolas é abordado de maneira a transmitir as informações julgadas necessárias, sem haver a preocupação de construir relações entre a arte e a realidade do público escolar, resultando novamente em um ensino pouco significativo e quase sempre não reflexivo. Verificando os documentos de referência das duas escolas, bem como a ausência de planejamentos de aula das professoras da disciplina de Arte que não especificam os conteúdos abordados em cada série, bem como objetivos, procedimentos e referências, constatamos que a arte é tratada de forma superficial, generalizada dentro das instituições analisadas. Mais especificamente na escola estadual foi percebido um ensino engessado com o claro objetivo de somente completar o ano

letivo ou sem objetivar a formação um indivíduo fruidor, questionador, e crítico em relação à arte.

Confirmou-se também a escassez de estudos e pesquisas em torno do tema abordado. As relações curriculares entre os arte-educadores e os outros professores são distantes e na maioria das vezes desassociada no Ensino Básico. Ao longo deste trabalho buscou-se um referencial teórico que pudesse servir de base neste campo, porém devido à falta de diversidade de pesquisas na área, esta busca segue aberta. Este fato salienta a importância de construção de linhas de pesquisa focadas nas práticas e no conhecimento apropriado da arte pelos arte-educadores e bem como por todo o corpo docente das escolas públicas do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

THIESSEN, Juarez da Silva. **O que há no “entre” teoria curricular, políticas de currículo e escola?** Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/7407/7548>>. Acesso em: 18 mai. 2013.

Rede de Trocas: Uma Experiência em Movimento – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2010.

IABELBERG, Rosa. **Para Gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

BARBOSA, Ana Mae, **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. **A imagem no ensino da arte.** 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo,** 2003. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco_objetos_crv/%7B0EB7498D-8C5C-47FD-92BA-553DB7C66151%7D_Arte%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil%20do%20moderismo%20ao%20p%C3%B3s-modernismo.pdf. Acesso em: 5 dez. 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 35. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

APÊNDICE A – Questionário para professores sem formação em artes

DADOS PESSOAIS			
Nome:			
Idade:			
20-25 ()	26-30 ()	31-35 ()	
36-40 ()	41-45 ()	46-50 ()	
51-55 ()	56-50 ()	Acima de 61 ()	
Sexo:			
M ()	F ()		
Estado civil:			
Solteiro(a) ()	Casado(a) ()	Separado(a) ()	
Divorciado(a) ()	Viúvo(a) ()	União Estável ()	
Renda mensal familiar (soma dos rendimentos de todos os membros):			
1 salário mínimo ()			
2 - 5 salários mínimos ()			
6 - 10 salários mínimos ()			
11 - 15 salários mínimos ()			
Acima de 16 salários mínimos ()			
FORMAÇÃO			
Ensino Médio ()	Graduação ()	Especialização ()	Mestrado ()
Doutorado ()	Pós-doc ()		
Tempo de conclusão do último curso de extensão ou aperfeiçoamento (em anos):			
1 ()	1-2 ()	3-5 ()	6-10 () Acima de 11 ()
Possui alguma formação continuada? Fez outros cursos?			
() sim () não			
Se sim, cite quais:			
SOBRE ARTE			
Relate brevemente sobre a sua formação escolar na área de Artes Visuais.			
Cite algumas exposições, filmes, peças de teatro, espetáculos de dança e música que você assistiu.			
Você admira a produção de algum artista visual? Se sim, qual?			

Você tem interesse em saber mais sobre as Artes Visuais?

sim não

Relate alguma experiência tocante ou memória afetiva que envolva as Artes Visuais.

SOBRE EDUCAÇÃO

Qual o tempo de atuação em educação (em anos).

1-5 () 6-10 () 10-15 () 16-20 () Acima de 21 ()

Já atuou no ensino em Arte?

sim não

Você já procurou trabalhar interdisciplinaridade entre a sua disciplina e a disciplina de Arte?

sim não

Se sim, quem buscou essa parceria, você ou o professor de arte?

eu professor de arte

É de seu conhecimento que a disciplina de Arte foi incluída como componente curricular obrigatório na educação básica desde 1996?

sim não

APÊNDICE B – Questionário para professores com formação em artes

DADOS PESSOAIS
Nome:
Idade:
20-25 () 26-30 () 31-35 ()
36-40 () 41-45 () 46-50 ()
51-55 () 56-50 () Acima de 61 ()
Sexo:
M () F ()
Estado civil:
Solteiro(a) () Casado(a) () Separado(a) ()
Divorciado(a) () Viúvo(a) () União Estável ()
FORMAÇÃO
Ensino Médio () Graduação () Especialização () Mestrado ()
Doutorado () Pós-doc ()
Tempo de conclusão do último curso de extensão ou aperfeiçoamento (em anos):
1 () 1-2 () 3-5 () 6-10 () Acima de 11 ()
Possui alguma formação continuada? Fez outros cursos?
() sim () não
Se sim, cite quais:
SOBRE ARTE
Relate brevemente sobre a sua formação na área da arte.
Como você se atualiza enquanto educador de arte?
Você admira a produção de algum artista visual? Se sim, qual?
Como é a sua vivência no processo de criação com a imagem fora da instituição?
Como é sua pesquisa de repertório visual para o seu trabalho pessoal?
Relate alguma experiência tocante ou memória afetiva que envolva arte.

SOBRE EDUCAÇÃO

Qual o tempo de atuação em educação em arte?

1-5 () 6-10 () 10-15 () 16-20 () Acima de 21 ()

Como é o seu processo de planejamento das aulas de arte?

Cite algumas das bibliografias que você utiliza em seus planejamentos.

Como você contempla os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais nas aulas de artes?

Como é a pesquisa de repertório visual para o seu trabalho em sala de aula?

Seu plano de aula parte de uma investigação do conhecimento dos alunos de uma determinada turma/comunidade?

() sim () não

Você trabalha a interdisciplinaridade entre as áreas de arte?

() sim () não

Você trabalha a interdisciplinaridade entre a arte e as outras disciplinas?

() sim () não

Os alunos contribuem de alguma forma com o planejamento das aulas de artes?

() sim () não

Você acredita que somente a criança que tem um “dom” poderá aprender arte?

() sim () não

Você conhece a abordagem triangular?

() sim () não

Se sim, como você aplica essa abordagem em sala de aula?